

O PERIÓDICO
VARIEDADE E TRANSFORMAÇÃO

Miriam Lifchitz Moreira Leite (*)

(*) Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O RENDIMENTO
VAZIOS E TRANSFORMAÇÃO

Milton L. Lichtenstein, et al. (*)

(*) Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

This is neither a bibliographical paper nor an essay on periodicals. It merely presents some information on the characteristics of periodicals, in the moment they are issued and the documental character the series of periodicals acquire when examined many decades afterwards.

Physical characteristics, external data and ideological content have different meanings in the present and after time elapses.

Historical documentation extracted from periodicals has been analysed in a variety of Historical Essays and its richness is always surprising when one collects and organizes series of periodicals, as the "Setor de Documentação do Departamento de História da Universidade de São Paulo" has done with those of Franca, State of São Paulo.

O PERIÓDICO VARIEDADE E TRANSFORMAÇÃO⁽¹⁾

Miriam Lifchitz Moreira Leite

Ao ser editadas, as publicações periódicas constituem formas de comunicação de informações e idéias do momento. São compostas apressadamente, sem as precauções e cuidados de trabalhos realizados a longo prazo, pois pretendem alcançar rápida e extensamente o seu público, que as consultará com a mesma pressa e as comentará, no máximo, no dia de sua publicação ou algumas semanas após. Esse caráter de reprodução de um tempo presente torna os colaboradores de periódicos indivíduos informados sobre o que está ocorrendo, sensíveis às exigências do público imediato, premidos pela orientação geral do periódico, mas desprovidos de vagares para aprofundar os temas, nem interesse por considerações que os afastem do momento e de sua premência.

Denominam-se periódicas todas as publicações que reaparecem após certo lapso de tempo: jornais diários, trisemanais, revistas mensais, quinzenais, trimestrais, almanaques anuais, relatórios semestrais. Existe sempre uma limitação do tempo de composição, como também do conteúdo abrangido. De outro lado, essa aproximação do presente e do cotidiano reveste o periódico de uma forma testemunhal que pode escapar a publicações mais cuidadas e elaboradas.

A pressa de transmissão extensa do momento que passa, antes que se torne passado, exprime-se pelo tipo de papel barato (que se chama papel-jornal), pelas técnicas cada vez mais elaboradas, mas sempre tendentes a baratear o custo do periódico ou permitir maior tiragem e pela inquietação e ritmo acelerado e impaciente dos que trabalham no ramo.

Essa característica das publicações periódicas nem sempre é a mesma nos diversos tipos e sofreu sensíveis transformações desde

(1) Notas a respeito da organização dos periódicos do Museu Histórico Municipal José Chiachiri, de Franca do Imperador, Estado de São Paulo, realizada pelo Setor de Documentação Histórica do Departamento de História da Universidade de São Paulo, de 1977 a 1978.

o seu florescimento no século XIX. O que se procurou aflorar aqui, foram as características já não dos periódicos, no momento de sua edição, mas de suas sedes, conservadas mesmo após a extinção do periódico.

As séries de periódicos deixam de comunicar os acontecimentos e as idéias do momento, mas transmitem seqüências de fatos e a dinâmica de idéias que foram superadas ou permanecem inalteradas. As coleções de jornais, revistas, almanaques e poliantéias passam a ter o poder diferente de testemunho, tanto pela variedade dos temas abordados, como pela permanência de determinadas questões (pela informação, ainda que parcial, incompleta ou superficial do que ocorria, de como ocorria, do que alguns pensavam e do que alguns gostariam que se modificasse). Seja nos almanaques informativos ou nos jornais noticiosos, a seqüência temporal e a dinâmica dos acontecimentos permite uma verificação do papel da imprensa como informadora da população, formadora da opinião, manipuladora de situações e alimentadora de fantasias e mitos. Através das modificações sofridas em sua aparência física, em sua arte gráfica, no tipo de colaboração e publicidade, na diversificação de suas funções, nas transformações de seu corpo de colaboradores e no encerramento de suas atividades, as séries de periódicos transmitem aspectos da vida da parcela da população capaz de se exprimir, sem deixar de transmitir indiretamente informações sobre o ambiente econômico, político e cultural em que o periódico se imprimiu.

A oportunidade de organizar algumas séries de periódicos e de ter tido acesso a alguns trabalhos a respeito deles ou que deles se utilizaram como fonte básica, levou-me a reunir algumas informações sobre elas.

A primeira Revolução Industrial Inglesa permitiu a difusão de máquinas de impressão e o barateamento do papel e a Revolução Francesa difundiu os princípios de liberdade da revolução burguesa, possibilitando a multiplicação dos periódicos em todos os países, a partir do século XIX. A difusão das idéias liberais da Revolução Francesa implicava na liberdade de todas as manifestações, entre as quais, das mais alardeadas, foi a manifestação do pensamento. É esta manifestação do pensamento que vai encontrar no periódico a forma ideal de comunicação, para uma população que se concentrava cada vez mais, em núcleos urbanos. No Brasil, a imprensa periódica que floresce com a expansão de um liberalismo de sentido anticolonialista e antilusitano⁽²⁾ desdobra-se, aos poucos, para exprimir alguns grupos da população livre. Inicialmente, diante da oposição comum, o pequeno grupo dominante, que incluía os detentores da técnica da escrita, representou na imprensa a voz do liberalismo

(2) No capítulo II, "A consciência Liberal nos Primórdios do Império", de Viotti da Costa (1977: 109-126), está sublinhada a especificidade do liberalismo brasileiro.

brasileiro. Aos poucos, torna-se patente a pouca representatividade desse grupo e, ainda aqui, os periódicos exprimiram esse desdobramento das camadas da população brasileira.

No caso do Brasil, chega a surpreender o número de diários, panfletos e almanaques que são criados, nos grandes e pequenos centros urbanos, quando se pensa na porcentagem reduzida de pessoas alfabetizadas. Essa multiplicação de formas de comunicação só pode ser compreendida se lembrarmos que além da difusão do jornal ter sido simultânea à maior difusão da técnica da escrita e da leitura, permaneciam as formas tradicionais de comunicação oral: a leitura em voz alta, nas esquinas, nas farmácias ou nos serões familiares. É possível que as dificuldades de transporte e de outras formas de comunicação escrita tenham estimulado o aparecimento dessa quantidade de pequenos jornais de vida efêmera.

Com a criação da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro, após a chegada da Corte Portuguesa, em 1808, criaram-se inúmeros jornais na Capital do Reino, mas também na Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará e São Paulo⁽³⁾. Somente no período da Revolução Praieira — de 1842 a 1849 — (Marson, 1974) havia dez jornais em Pernambuco, não se contando almanaques, pequenos jornais de recreação, revistas literárias e científicas. No fim do século XIX, essa quantidade torna-se ainda maior. Só em São Paulo havia jornais de tiragem aproximada de 2.500 a 3.000 exemplares⁽⁴⁾. Ao lado da imprensa diária ou bisemanal informativa, noticiosa, educativa ou combativa, existe uma imprensa reivindicatória, publicada por alguns setores da população, que por vezes dá a seus periódicos o nome da profissão ou de seu propósito de luta (*O Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, 1850; *O Brado da Miséria*, Pernambuco, 1853; *A Voz do Povo*, Belém do Pará, 1860; *A Consciência Livre*, Recife, 1869; *O Trabalho*, São Paulo, 1876; *O Proletário*, Rio de Janeiro, 1878; *O Amigo do Escravo*, Rio de Janeiro, 1883; *A Voz do Artista*, Goiás, 1891; *O Operário*, Fortaleza, 1892; *A Questão Social*, Santos, 1895) (Leuenroth, 1958: 448).

Observe-se, de passagem, que se atribuiu o nome da máquina de imprimir aos órgãos de comunicação escrita periódica. Imprensa, substantivo, é o instrumento e é o conjunto de publicações produzidas e imprimir (verbo) é a ação pretendida através das publicações nos leitores.

Hobsbawm (1964: 184)⁽⁵⁾ assinala na França, em 1836, a criação do jornal moderno “político, mas barato, destinado ao boato

(3) Vianna (1945); Sodré (1966); Almeida Camargo (1976); Horch (1966).

(4) Ver os artigos de Afonso Schmidt sobre a imprensa incluídos em *São Paulo de Meus Amores*. São Paulo, Clube do Livro, 1954, págs. 35-37, 134-137, 143-145, 163-165.

(5) Este livro já foi traduzido e publicado em português pela Editora Paz e Terra.

e aos romances em série". No Brasil criaram-se periódicos paralelos de frivolidades, ou pelo menos, de conteúdo menos grave e normativo, mais ameno ou de literatura em prosa ou verso. Em Porto Alegre, Athos Damasceno Ferreira (1944) encontrou 5 jornais humorísticos no século XIX, dois dos quais expressamente dirigidos às famílias(6). Afora o *Espelho Diamantino*, jornal feminino publicado em 1826 e 1827, fundado por Pierre Plancher e o *Jornal das Senhoras*, fundado em 1852 (Barreto, 1977:172), o *Jornal das Famílias* (Azevedo, 1977), foi uma revista de vida mais longa, publicada por Baptiste Luís Garnier, de 1863 a 1878. Ainda não foram levantadas todas as publicações paralelas do século XIX, mas já é possível saber que é essencial sua contribuição para a compreensão dos padrões de comportamento e seu papel na difusão da ideologia dominante.

Entre os jornais de maior duração, poucos tiveram um caráter informativo e em número maior uma atitude política ostensiva e, freqüentemente, desabusadamente agressiva, com propósitos educativos implícitos ou explícitos de esclarecer os governantes (Cândido, 1960:242-265; Dayle, s/d). Examinados em seu curso de vida, através do manuseio das séries de jornais, ganham um novo conteúdo. O que, no jornal diário ou mensal, é opinião, ideologia de um segmento da população ou do diretor do jornal, na coleção de jornais do passado ganha uma força informativa implícita ou explícita diferente sobre vários aspectos da vida material e espiritual e sobre as idéias e propósitos dos diretores e do público dos periódicos.

Em sua crônica no *Correio Mercantil* sobre "O Jornal e o Livro" (Rio de Janeiro, 10 e 12 de janeiro de 1859), Machado de Assis (1959:953-958) refletia sobre as formas pelas quais os homens tentaram perpetuar suas idéias e se perguntava: "O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?"; continuando:

"O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o germen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade, abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

(6) Ver ainda Sousa (1940).

Quem poderá marcar todas as conseqüências desta revolução?
(...)

Ao século XIX cabe sem dúvida a glória de ter aperfeiçoado e desenvolvido esta grandiosa epopéia da vida íntima dos povos, sempre palpitante de idéias. É uma produção toda sua. (...) O jornal, *literatura cotidiana*, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana.

O livro não está decerto nestas condições; há aí alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, o esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. O panfleto não vale um artigo de fundo”.

Convém lembrar aqui que o século XIX não contava com outras formas de comunicação de massa e que a apreciação acima não leva em conta o domínio da opinião pelas classes dominantes, sua expressão de interesses econômicos e a prepotência dos jornais de maior circulação sobre os de circulação reduzida. Embora os jornais de circulação reduzida tenham contribuições a dar, a pequena circulação já limita suas possibilidades de atuação. Acrescente-se que, sem liberdade, a imprensa não pode exercer adequadamente suas funções. Quando é proporcionada por condições legais, a liberdade de imprensa sofre as limitações já apontadas, decorrentes da estrutura social e política e do silenciamento dos pequenos pelos grandes. Contudo, o farto material escrito sobre o assunto, renovado desde os primeiros jornais publicados, revelam formas diversas de limitação da liberdade e que sua conquista é uma luta a ser sempre retomada. Cabe lembrar aqui o antigo provérbio armênio que diz: “Dê um cavalo a quem estiver disposto a dizer a verdade: precisará de um para fugir depois de dizê-la”.

Com tudo o que ainda falta compreender nas características das séries de periódicos, não resta dúvida que acumulam, aos poucos, uma documentação histórica expressiva, de uma variedade que se amplia após a caracterização do órgão de comunicação.

Em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1859 (Machado de Assis, 1959: 972-974), em “A Reforma pelo Jornal”, Machado de Assis retomou a questão sob outra perspectiva:

“Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares, foi o jornal.

(...)

A história é a crônica da palavra(...). A história não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Tratada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é monólogo, é a discussão.

E o que é a discussão?

A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso, o choque da argumentação é uma probabilidade de queda.

Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade.

(...)

Malévola faculdade — a palavra:

Será ou não o escolho das aristocracias modernas, este novo molde de pensamento e do verbo?”

Essa função da imprensa periódica menos passiva, mais atuante, reivindicadora e até deformadora do desenvolvimento dos fatos, transparece mais nos jornais de partidos políticos, nos jornais operários, mas nunca está ausente dos jornais das classes dominantes (Telarolli, 1977).

As várias modalidades de jornais, o diferente público atingido, o conteúdo informativo de fatos, acontecimentos, idéias e tendências já transformaram as hemerotecas em preciosos reservatórios de documentação do historiador moderno. Vêm-se multiplicando trabalhos em que se verifica uma utilização produtiva dos periódicos das pequenas e grandes localidades como a monografia de Stanley Stein (1961), para não destacar apenas os trabalhos de mestrado e doutoramento do Departamento de História, preocupados com a análise das características da imprensa(7).

Estas informações me ocorreram ao organizar os periódicos do Museu Histórico Municipal José Chiachiri, da Cidade de Franca, SP. Consta, por tradição oral, que um diretor do jornal francano,

(7) Gebara (1975); Contier (1973) 2 vols.; Capelato (1974); Prado Medeiros (1974).

organizador do Museu, teve a iniciativa de recolher com um caminhão todos os periódicos que os habitantes se dispusessem a doar, em determinado dia. O resultado foi um acervo formado rapidamente, constituído por grande número de duplicatas e jornais avulsos, sem seqüência e até mesmo fragmentos de difícil identificação. Mas não foi só — havia entre os jornais álbuns de música, documentação pessoal, programas de cinema e de circo, coleções de recortes e de poesia. Foi então possível verificar (com surpresa) que Franca teve 54 periódicos sendo que 5 circularam desde o século XIX. *O Nono Distrito* (1882-1890), *O Francano* (1888-1966), a *Tribuna de Franca* (1900-1968), *A Cidade de Franca* (1905-1964), *O Comércio da Franca* (1915-1975), *O Aviso de Franca* (1926-1974), *O Comercial* (1928-1930) e o *Diário da Tarde* (1941-1960), têm maior valor documental por constarem de uma seqüência prolongada. Além de revelar essa operosidade da imprensa francana, o acervo apresentou periódicos de inúmeras cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e alguma coisa do exterior.

Não é tarefa simples o exame dos periódicos e o estudo de sua vida, ainda que efêmera. Todos os que se propuseram a estudá-los sabem que os formatos, a periodicidade, o proprietário, o nome e a tendência política mudam. Houve periódicos que se limitaram a um único número, enquanto o *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, com todas as transformações por que passou, existe desde 1827. Os jornais e revistas das pequenas localidades refletem as tendências políticas brasileiras e neles é possível verificar como a vida local responde às instituições políticas, econômicas e sociais mais amplas, até ignorando-as.

Ao organizar os periódicos de Franca propôs-se a questão: quem lia esses jornais e quem os escrevia? Estudos realizados em outros núcleos urbanos verificaram que os colaboradores da imprensa, nas pequenas cidades do século XIX, muitas vezes convergiam para a Corte, onde se tornavam mais conhecidos pela atuação política ou pela colaboração em jornais de maior circulação. Até há pouco tempo, nas cidades pequenas eram raros os jornalistas. Eram os boticários, os bacharéis, os vereadores, os professores, os médicos, os escrivães, tipógrafos e vigários que acumulavam essa função à que já desempenhavam (Almeida, 1968: 475-532; Stein, 1961: 150 e nota 16).

A avaliação de um acervo como esse deve ser feita em função do público a que irá servir. Alguns almanaques da década de 20, aparentemente inócuos, podem ser matéria-prima fundamental para um pesquisador de cultura popular, costumes, tipos de publicidade ou medicina caseira. Um exemplar comemorativo do cinquentenário do Colégio de Franca, criado por Mère Voiron da Ordem de São José, não chegou a interessar alunas de História, que o descartaram

num volume indefinido de Miscelânea, depois de ter anotado a existência de uma revista denominada Poliantéia. Essa homenagem das ex-alunas ao colégio religioso em que tinham estudado pode parecer uma coleção de composições saudosistas e de gosto duvidoso. Um estudioso da História da Educação encontra ali informações preciosas a respeito de professores existentes nos colégios religiosos e sobre os padrões de comportamento transmitidos às alunas. Entre os jornais do Rio de Janeiro, havia dois exemplares de *O Jornal*. Um, de 24 de julho de 1924, é um número isolado com as notícias sobre a revolução que abalou São Paulo. O outro, com 184 páginas, divididas em doze seções, perde um pouco as características do jornal. É uma Edição Comemorativa do Bicentenário do Cafeeiro no Brasil, publicada a 15 de outubro de 1927, com capa desenhada pelo professor Elyseo D'Angelo Visconti e uma nota especial do professor do Collège de France, George Dumas:

Madame de Sevigné a dit:

“Racine passera comme le café.

Je me permits de dire que le café durera comme Racine”.

O volume contém a colaboração de grande número de intelectuais e políticos da época e ilustrações muito bem reproduzidas do Prof. H. Cavalleiro.

Embora nem sempre apresentem uma documentação tão farta sobre um tema como este exemplar (com diversas colaborações ligadas à cidade de Vassouras de Afrânio Peixoto, Affonso Taunay e Rodrigo Otávio), as edições comemorativas representam um esforço do jornal em ganhar algumas das características mais duradouras do livro. São realizadas com mais tempo e cuidado e, embora incluam anúncios e informações, estas raramente têm o caráter de notícia, mas revestem o tom e o espaço de pequenos ensaios. Do ponto de vista do pesquisador de História Econômica, este exemplar pode ser o ponto de partida ou a complementação de trabalhos sobre transportes, agricultura, comércio, e o estudioso do desenvolvimento das técnicas de publicidade poderá aí encontrar a reprodução de um anúncio de página inteira, que foi denominado de “corajoso”. Trata-se de um anúncio da campanha de Hotéis do Rio de Janeiro, no Suplemento de Rotogravura do New York Times, de 14/XI/1926, com texto em inglês e vistas da cidade do Rio, que custara 4.500 dólares (37 contos de réis, na ocasião).

Não cabe chegar ao exagero de Bernard Shaw, que considerava o periódico a mais requintada forma de literatura, nem crer que seja a Eucaristia do povo (na expressão do Marquês de Maricá),

ou sequer aceitar que seja o germe de todas as iniquidades (Castañeda, 1954). Talvez convenha apenas destacar o seu papel de difundir e esclarecer alguma verdade, por parcial que seja e pelos poucos que a ela tenham acesso. A revelação da verdade⁽⁸⁾, a tentativa de exprimir um ângulo da realidade vivida por algum setor da população, a exposição do desenvolvimento das idéias ou das modificações impostas à realidade constituem contribuições das séries de periódicos. A elas, os pesquisadores têm possibilidade de aplicar sua perspectiva de análise e traduzir os códigos e sua dinâmica: as palavras escolhidas, as expressões recorrentes, quem escrevia e por que, o que escrevia e para quem, onde se escrevia e até onde se alcançava, o objetivo imediato do jornal e o objetivo atingido, a função desempenhada voluntária e aquela que cumpriu sem chegar a saber ou, ainda, como formas literárias exprimiram situações políticas em que os homens se tinham atribuído missões educativas.

(8) Barthes (1967: 897-898); Goldmann (1967: 903-905).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Aureo Camargo de. *Imprensa Amparense* (Jornais, Revistas, Almanques, Poliantéias), de 1871 a nossos dias. *Revista de História*, 36 (74) : 475-532. São Paulo, abr./jun. de 1968.
- ALMEIDA CAMARGO, Ana Maria de. *A Imprensa Periódica com objetivo de instrumento de trabalho: catálogo da Hemeroteca Júlio de Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, 1976 (Tese de Doutorado junto à FFLCH da USP).
- AZEVEDO, C. D. *O Jornal das Famílias*. Paris, 1977 (Tese de Mestrado junto a Universidade de Sorbonne), exemplar datilografado.
- BARTHES, Roland. Science versus Literature. *The Times Literary Supplement* Sept., (28) : 897-898, 1967.
- BARRETO, Elba Siqueira de Sá (coord.). *Bibliografia sobre a Mulher Brasileira*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1977, no prelo.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, I*. São Paulo, Livraria Martins, 1960.
- CAPELATO, Maria Helena R. *A Ideologia Liberal de "O Estado de S. Paulo" (1927-1932)*. São Paulo, 1974 (Tese de Mestrado).
- CASTAÑEDA, Maria del C. R. *Periodismo Político de la Reforma en la Ciudad de México (1854-1861)*. México, D. F., Instituto de Investigaciones Sociales da Universidad Nacional, 1954.
- CONTIER, Arnaldo Laraya. *Ideologia dominante em São Paulo através dos periódicos (1827-1835): estudo do vocabulário político*. São Paulo, 1973, 2 v. (Tese de Doutorado).
- DOYLE, Plínio. *Revistas e Jornais Literários*. *Revista do Livro*, (33 e segs.). São Paulo, s/d.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais Críticos e Humorísticos de Porto Alegre*. Porto Alegre, Globo, 1944.
- GEBARA, Ademir. *Campinas, 1869-1875: republicanismo, imprensa e sociedade*. São Paulo, 1975 (Tese de Mestrado).
- GOLDMANN, Lucien. Ideology and Writing. *The Times Literary Supplement* Sept., (28) : 903-905, 1967.

- HOBSBAWN, E. J. *The Age of Revolution (Europe from 1789 to 1848)*. London, Weichenfeld and Nicolson, 1964, 2.^a ed.
- HORCH, Rosemarie E. *Subsídios para uma bibliografia sobre a Imprensa e o Jornalismo até o ano de 1966*. São Paulo, 1966, exemplar mimeografado.
- LEUENROTH, Edgar. *Relação dos Jornais Publicados. Anais da Associação Brasileira de Imprensa no VII Congresso Nacional de Jornalismo*. Rio de Janeiro, 1958.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa V*. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1959.
- MARSON, Isabel Andrade. *Posições políticas na Imprensa Pernambucana (1842-1849)*. São Paulo, 1974 (Tese de Mestrado junto à FFLCH da USP).
- PRADO MEDEIROS, Maria Lígia. *A Ideologia Liberal de "O Estado de São Paulo" (1932-1937)*. São Paulo, 1974 (Tese de Mestrado).
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Civilização Brasileira, 1956.
- SOUZA, Scylla Soares de S. *A Imprensa em Porto Alegre (1827-1889)*. *Anais do III Congresso Sul Riograndense de História e Geografia*. Porto Alegre, 1940.
- STEIN, Stanley J. *A Grandeza e a Decadência do Café no vale do Paraíba (com referência especial ao município de Vassouras)*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1961, trad. de Edgar Magalhães.
- TELAROLLI, Rodolpho. *O Poder local na República Velha*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
- VIANNA, Hélio. *Contribuições à História da Imprensa Brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro, I.N.L., 1945.
- VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Editorial Grijalbo, 1977.